

O ensaio latino-americano como vetor da construção identitária e sua contribuição para as relações Brasil-América hispânica

Ângela Lopes Norte*
Lívia Reis**

RESUMO

O seguinte artigo é um recorte da contribuição do ensaísmo da literatura latino-americana a partir do século XIX para a construção da identidade deste bloco. Discorre sobre idéias de latinidade e miscigenação. Apresenta, também, o esforço de intelectuais e diplomatas de diversos países da região para tecer o diálogo Brasil – América Hispânica a partir da valorização da latinidade e do bloco ibero-americano em oposição à América anglo-saxônica.

Palavras-chave: Ensaio. Identidade. Diálogo. América Latina. Diplomacia.

O final do século XIX e o modernismo da América Hispânica revelaram o significado histórico do ensaio. Desprestigiado na Europa, por falta de tradição formal, seu estilo serviu à busca da essência nacional e à questão identitária da América Latina.

Uma identidade latino-americana com modelos literários e culturais próprios já vinha sendo objeto de apelos e projetos de integração regional e definição dos povos deste bloco. Mas, se o período colonial já apresentava diferenças entre as nações de colonização espanhola e portuguesa, a criação das novas repúblicas acentuou ainda mais a distância social entre elas. Propostas como as de Simon Bolívar e Sarmiento, no século XIX, por exemplo, contemplavam apenas os povos de origem hispânica, pois, para eles, o Brasil – o afastado gigante do sul – deveria ser ignorado por encontrar-se de costas para seus vizinhos hispano-americanos e com olhar voltado para a Europa e, mais tarde, para os Estados Unidos. “O Brasil constituiu, como área, o grande ‘espaço cultural não-identificado’ para o olhar da América Hispânica” (PIZARRO, 2006, p. 104). Nosso regime monárquico e nossa língua portuguesa – únicos em todo continente americano – nos colocavam à margem do movimento de unificação pretendida pelos povos ao sul dos EUA, o que não impedia que, também no Brasil, pensadores buscassem compreender a identidade nacional e a desse novo conceito, o de América Latina.

O termo América Latina foi cunhado no século XIX, na França, pelo colombiano José Maria Caicedo, numa época em que o poderio econômico, cultural e militar dos Estados Unidos se insinuava, e povos de colonização ibérica rejeitavam sua origem, elegendo a França como o farol a nos guiar, como a possuidora do domínio moral e intelectual da humanidade. Em um ensaio de 1903, endereçado ao Barão do Rio Branco, Escragnolle-Taunay escreve, “Quel est le progrès réel, d’ordre universel, qui se fait sans la France? Quelle est le vibration supérieure qui agite le monde sans passer par Paris, sans en recevoir une empreinte? L’humanité pourrait-elle se dispenser de l’esprit de synthèse des Français, metteurs au point des idées générales?” (TAUNAY apud FRANCO, 2004, p. 62).

* Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense.

** Professora da Universidade Federal Fluminense.

Tal ensaio foi precursor de iniciativas que viriam a tomar corpo na Liga da Fraternidade Intelectual Latina e na União Latina. Lê-se nas afirmativas do autor do ensaio que a comunidade latina, dotada de dons do espírito e de qualidades físicas, com inteligência flexível e viva, de pujança numérica e territorial, ocupa um papel e um lugar considerável no equilíbrio das raças humanas e no desenvolvimento futuro. No início do século XX, segundo tal teoria, o perigo de novas potências não afetaria a latinidade, pois se tanto a expansão comercial quanto a industrial encontrarem supremacia em outro lugar, para o latino, recuperar o progresso material é fácil, pois tem energia e propósito firmes.

O movimento de valorização da latinidade prosseguia lado a lado com a da busca da identidade latino-americana, com indícios de um desenvolvimento próprio da idéia no Brasil, pois, em 1917, em meio à explosão de solidariedade latina em torno da França no conflito dos aliados contra os impérios do centro, surgia – com fundadores brasileiros – a Liga da Fraternidade Intelectual Latina, sociedade civil criada na França. Tal movimento pretendia a aproximação dos povos latinos europeus e os das novas nações ibero-americanas, além de distinguir essas últimas da América anglo-saxã.

Essa distinção ainda hoje ecoa nas vozes de escritores de relevante empenho no assunto, como Pizarro, para quem, definir a América Latina em termos de um continente é simplista e excludente. O termo extrapola o geográfico, uma vez que, quando se fala da cultura da América Latina, incluem-se neste conceito as ilhas do Caribe e a cultura latina dentro dos Estados Unidos. Segundo ela, áreas culturais na modernidade tardia foram “se delimitando com maior clareza ao longo da segunda metade do século XX, emergindo de acordo com as necessidades de seus acontecimentos” (PIZARRO, 2005, p. 95), o que gerou a divisão desta América em sete áreas: mesoamericana e andina, Caribe e costa atlântica, Atlântico Sul, Brasil, a cultura das grandes planícies (páramo mexicano, sertão brasileiro, savana venezuelana e pampa argentino), os latinos nos Estados Unidos e a Amazônia.

Um ensaio do uruguaio José Enrique Rodó, *Ariel* (1900), considerado a obra seminal do movimento modernista latino-americano, contribuiu decisivamente para a constituição de um pensamento latino-americano contra o pragmatismo e o utilitarismo do grande país do norte, cuja vocação imperialista gerava insurreição na elite intelectual da América de colonização espanhola após a derrota da Espanha em Cuba em 1898.

Nesse ensaio, Rodó conclamou os jovens latino-americanos a rejeitar o materialismo e a reverter para os hábitos greco-romanos do pensamento livre e do auto-enriquecimento, além de concentrarem-se na sua própria cultura, pois acreditava que o intelectual tem a função de meditar sobre a situação e o futuro da comunidade, e que era seu papel construir a identidade latino-americana. Apesar de que, à época, ao exaltar a América Latina, Rodó se referisse apenas à América de colonização hispânica, sua contribuição foi emblemática e ecoou fora de suas fronteiras, para a construção de uma corrente latinista em busca da identidade.

Outros escritores do bloco latino-americano se dedicaram ao projeto de interpretar seus países ou o conjunto de países da região e sua identidade; na grande maioria, ensaístas.

O ensaio, pelo seu caráter de literatura comprometida com a interpretação da realidade, foi a estratégia intelectual latino-americana para promover a busca de uma expressão própria, de uma identidade que representasse a parte do continente americano de colonização ibérica. Nenhum outro gênero – ou subgênero da prosa – poderia ter sido tão efetivo para essa função quanto o ensaio.

Entendendo-se a literatura como recriação e transfiguração do real, que toma corpo e cria uma nova realidade, alheia à realidade de onde proveio, independente de seu autor, não há como considerar nessa definição o ensaio. Esse, nem ciência, nem tampouco criação artística, tem

como procedimento básico a explicitação, onde prevalece a exposição de idéias mais do que a imaginação, intentando estabelecer um laço de diálogo íntimo entre o ensaísta e o leitor.

E para a disseminação de ideais de unidade latino-americana, não era a transfiguração do real que se pretendia. Os gêneros literários valorizados não contemplavam as meditações livres dos pensadores e intelectuais do início do século XX na América não-saxônica. Os meios e os conceitos do ensaio lhes permitiam mostrar a verdade.

Os anos 1920 também geraram grandes obras de valorização da América latina. O momento era de euforia utópica.

Vasconcelos, embaixador mexicano, após passagem pelo Brasil durante as festas do Centenário da Independência Brasileira, em 1922, no Rio de Janeiro – o que lhe deixou impressões profundas sobre o Brasil como terra paradisíaca – publicou *La Raza Cósmica* em 1925, um ensaio no qual expressa sua ideologia quanto ao nascimento de uma futura quinta raça na América. O território abarcaria Brasil, Colômbia, Venezuela, Equador, parte do Peru e da Bolívia e a região superior da Argentina – reafirmando a hipótese lendária do continente desaparecido, Atlântida, no qual surgiria uma civilização refinada, em meio a uma natureza generosa e cheia de potencialidades.

A teoria de Vasconcelos distinguia quatro raças ou quatro troncos: negro, índio, mongol e branco. A predestinação do continente, segundo ele, “obedece al designio de constituir la cuna de una raza quinta en la que se fundirán todos los pueblos, para reemplazar a las cuatro que aisladamente han venido forjando la Historia” (VASCONCELOS, 2003, p. 14-15), numa utopia da concórdia universal através da fusão de todas as raças em um espaço ideológico que também serviria como plataforma política de oposição às ameaças da política expansionista norte-americana. Nas palavras de Vasconcelos,

Solamente la parte ibérica del continente dispone de los factores espirituales, la raza y el territorio que son necesarios para la gran empresa de iniciar la era universal de la humanidad. Están allí todas las razas que han de ir dando su aporte: el hombre nórdico, que hoy es maestro de acción, pero que tuvo comienzos humildes y parecía inferior en una época en que ya habían aparecido y decaído varias grandes culturas; el negro, como una reserva de potencialidades que arrancan de los días remotos de la Lemuria; el indio, que vio perecer la Atlántida, pero guarda un quieto misterio en la conciencia; tenemos todos los pueblos y todas las aptitudes, y sólo hace falta que el amor verdadero organice y ponga en marcha la ley de la Historia (VASCONCELOS, 2003, p. 34).

Assim como Vasconcelos, o dominicano Henríquez Ureña, também acreditava que a utopia devia ser a direção da América: “la palabra utopía, en vez de flecha destructora, debe ser nuestra flecha de anhelo. Si en América no han de fructificar las utopías ¿dónde encontrarán asilo?” (UREÑA, 1998, p. 265). Também compartilhava da opinião de Rodó (1996, p. 131) de que os Estados Unidos – a América anglo-saxônica – possuíam sofisticações de cunho material e “sin la conquista de cierto bienestar material es imposible, en las sociedades humanas, el reino del espíritu” (UREÑA, 1998, p. 265), mas, assim como Rodó, acreditava que tal sociedade se embriagara com sua prosperidade, atribuindo para si o título de primado da cultura universal, e, portanto, não deveria ser imitada. Como diz Ureña, “el gigantesco país se volvió opulento y perdió la cabeza; la materia devoró al espíritu; [...] ¿Permitiremos que nuestra América siga igual camino? A fines del siglo XIX lanzó el grito de alerta el último de nuestros apóstoles, el noble y puro José Enrique Rodó” (UREÑA, 1998, p. 264). Esta referência reforça o impacto de *Ariel* sobre a América Hispânica e o conseqüente desejo de afirmação cultural que se desenvolveu como defesa da latinidade, busca pelas essências naturais e oposição à influência cultural norte-americana.

A busca da identidade pela literatura provou ser uma característica latino-americana que tornava o escritor pessoa com alto status na sociedade, assumindo papéis políticos par-a-par com suas veias literárias.

Alfonso Reyes, outro diplomata mexicano, esteve no Brasil nos anos 1930. Não foi tão apaixonado pela terra que o abrigava quanto seu predecessor, Vasconcelos, mas exerceu sobre o país – assim como também se envolveu com nossa cultura – forte influência literária e diplomática no sentido de ampliar as relações Brasil-México. Foi na revista *Monterrey* (1931), que ele mesmo publicou, que foi cunhado o termo “O Homem Cordial”. Segundo Reyes, “é da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas que deve sair o ‘sentido americano’ (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o homem cordial” (REYES, 1931), que se distingue “do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade” (REYES, 1931). Para Reyes, “Essa atitude de disponibilidade sentimental é toda nossa, é ibero-americana”.

A busca da intelectualidade latino-americana pela sua identidade ampliou a consciência cultural em relação à aceitação do hibridismo como realidade positiva e à valorização do negro e do índio.

Nesse contexto, um intérprete brasileiro, Manuel Bonfim (2002, p. 634), foi condenado pela história, à época em que escreveu *América Latina* (1905), mas vem sendo resgatado nos dias de hoje, junto com seu “estudo de parasitismo social”, onde advogava que os europeus, embora com interesse em nosso “Eldorado”, não conheciam nossa história e nem nos respeitavam como nação, ignorantes que eram em relação às condições e à história social e política da América latina.

Bonfim foi pioneiro no Brasil na interpretação crítica da América Latina. O conservantismo, fruto do parasitismo – o grande mal de origem desse bloco – foi arduamente criticado por ele em *América Latina: Males de Origem*:

A escravidão na América do Sul foi a abjeção moral, a degradação do trabalho, o embrutecimento e o aniquilamento do trabalhador; [...] As sociedades humanas têm energias regeneradoras de que mal desconfiamos. Na América do Norte, os estados do sul estão, hoje, em situação bem próspera, apesar da escravidão. É que as colônias inglesas puderam organizar-se desde logo segundo convinha aos seus próprios interesses, e não foram vítimas de um parasitismo integral, como esse que as metrópoles ibéricas estabeleceram para as suas colônias (BONFIM, 1993, cap. 4).

Bonfim compara a América Latina a um “organismo doente”, termos oriundos de uma visão sua de médico, comparativa, entre organismos biológicos e sociais, e que, em função da exploração predatória dos colonizadores, gerou o que chamou de parasitismo social. Sua concepção é a de que as sociedades obedecem a leis, em essência, idênticas às leis da biologia. Para ele, os antecedentes que determinaram a origem dos povos ibero-americanos, os processos de educação que sofreram, revelam a causa dos costumes maus de que são acusados de possuir e perpetuar: antecedentes comuns, mesmos sintomas.

Bonfim também ponderou sobre os efeitos de possíveis intervenções norte-americanas, embora não visse o poder hegemônico do norte de forma tão negativa quanto o tinha visto Rodó. Considerava os Estados Unidos uma nação cujo desenvolvimento e progresso deveria ser visto com prazer e orgulho. Entretanto, concordava que por mais simpática que fosse, isso não implicava aceitar que as nacionalidades latino-americanas devessem abdicar de sua soberania em troca de proteção norte-americana.

Houve, em Bonfim, a preocupação em localizar todo o mal que aflige a América ibérica em seu passado de colonização, cujo objetivo era o de usurpar nossas riquezas, de forma contrária ao que ocorreu com a colonização da América inglesa, que objetivava a fundação de uma nova pátria. Nas terras da América Latina, onde o indígena se negou a trabalhar – ou foi massacrado – o negro africano foi trazido para substituí-lo, através de um comércio parasitário inventado pelo português. Para Bonfim, essa opressão parasitária herdada das condições da formação da América Latina dividiu as populações coloniais contra elas mesmas, e as conduziu a esta quase incapacidade para o progresso.

O movimento modernista brasileiro dos anos 1920 marcou a gênese da nova abordagem cultural da identidade nacional, que culminaria nas próximas décadas. Os anos 30 romperam com a influência positivista de valorização da ciência e que identificava o indígena da América hispânica e o negro transportado para o Brasil como a causa do atraso da América Latina.

No decorrer do período, pensadores começaram a identificar a identidade latino-americana com a mestiçagem cultural. *Casa Grande e Senzala* delineia em seu escopo as características da colonização brasileira, com a democrática miscigenação entre índios, negros e portugueses, apontando a real origem do brasileiro: “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do outro” (FREYRE, 1933, p. 396-427). A cultura mestiça é tanto incorporada quanto valorizada na matriz identitária nacional.

O negro no Brasil, nas suas relações com a cultura e com o tipo de sociedade que aqui se vem desenvolvendo, deve ser considerado principalmente sob o critério da História social e econômica. Da Antropologia cultural. Daí ser impossível – insistamos nesse ponto – separá-lo da condição degradante de escravos, dentro da qual abafaram-se nele muitas das suas melhores tendências criadoras e normais para acentuarem-se outras, artificiais e até mórbidas. Tornou-se, assim, o africano um decidido agente patogênico no seio da sociedade brasileira. Por ‘inferioridade de raça’, gritam então os sociólogos arianistas. Mas contra seus gritos se levantam as evidências históricas – as circunstâncias de cultura e principalmente econômicas – dentro das quais se deu o contato do negro com o branco no Brasil. O negro foi patogênico, mas a serviço do branco; como parte irresponsável de um sistema articulado por outro (FREYRE, 1933, p. 396-427).

Freyre valorizava a conquista e a colonização portuguesa. Para ele, o Brasil é “moreno”, um país culturalmente miscigenado, democrático, livre e sem ódios raciais. Essa miscigenação, ao invés de tornar o brasileiro uma sub-raça, propiciou o nascimento do tipo ideal para os trópicos.

A essa valorização da colonização portuguesa insurgiu-se Sérgio Buarque de Holanda. Para ele, o país se alimentou de idéias que não lhe eram adequadas, de uma colonização européia nos trópicos desastrosa e usurpadora, e de cuja herança devemos nos desvencilhar para pensar com idéias próprias à nossa identidade. Sua obra, *Raízes do Brasil* (1999), é ainda extremamente atual e revolucionária. Nos anos 30, enfatizando novos valores, conduziu os brasileiros na fundação de sua nação.

A descrença nos poderes, na força das nações da América Latina, principalmente pela esmagadora hegemonia do grande país do norte da América e sua crescente expansão, presença e influência no campo econômico e político dos países de colonização ibérica da América, no entanto, acabaram por prevalecer, principalmente após a 2ª Guerra Mundial.

Essa descrença fica bem clara na obra do mexicano Octavio Paz (*El Laberinto de la Soledad*, 1949). Se olhar frente ao destino do homem na modernidade é de desconfiança. Para ele, o mexicano não chega ao século XX com sua identidade definida; suas tradições não são respeitadas como espelho onde se deve mirar a sua modernidade.

Nessa alienação (PAZ, 1992, p. 153), “el mexicano se sitúa ante su realidad como todos los hombres modernos: a solas” – só e desencantado, em um labirinto, sem espaço e sem identidade. E Paz critica a “inteligência mexicana”, que, segundo ele, foi honrada e eficaz para seu país ao defendê-lo, mas não soube representar a consciência crítica do povo mexicano. Segundo ele, a inteligência serviu aos interesses de um regime: “la ‘inteligencia’ fue utilizada para fines concretos e inmediatos; [...] no ha podido o no ha sabido utilizar las armas propias del intelectual: la crítica, el examen, el juicio” (PAZ, 1992, p. 141). Dessa forma, o mexicano não discute política, não busca revelar-se, buscar sua identidade, mas se esconde atrás de máscaras, máscaras representativas da petrificação e da paralisação da sociedade colonial.

E na visão de Paz, esse drama não é só do mexicano, mas de todo ser humano, que procura um equilíbrio que não se concretiza: “El destino de cada hombre no es ya diverso al del Hombre [...] La Historia universal es ya tarea común. Y nuestro laberinto, el de todos los hombres” (PAZ, 1992, p.154-155).

Embora seja lugar-comum dizer que o Brasil se interessava mais em se espelhar nos Estados Unidos, a idéia da identidade da cultura latina era tema que movia intelectuais brasileiros, pelo menos, desde os anos 1940, como atestam declarações de João Neves da Fontoura, em 16 de agosto de 1946, ao jornal *Le Monde*, quando Ministro das Relações Exteriores e chefe da delegação do Brasil à Conferência da Paz em Paris: “Nosso papel primordial, vosso como nosso, não é de trabalhar para a reconstrução de uma frente latina?” Em 1951, retomando o sonho de “trabalhar para a construção de uma frente latina”, Fontoura convoca um Congresso com representantes de todas as nações integrantes da União Latina. Nesse Congresso, no Rio de Janeiro, de 14 a 19 de outubro de 1951, estão presentes, entre outras personalidades e nomes ilustres da cultura universal, José Vasconcelos e Cecília Meireles (FRANCO, 2004).

Cecília Meireles tem importância precursora no tocante a estudos relativos à América Latina, principalmente em relação à poesia feminina e ao conceito de integração latino-americana que exclui a América anglo-saxônica.

Em 1956, Cecília escreve o ensaio *Expressão Feminina da Poesia na América*, para uma conferência no Conselho da Universidade do Brasil sobre cultura hispano-americana. No ensaio, além de resgatar questões que giram em torno da literatura feita por mulheres na América, traça um conceito de América e de integração latino-americana.

Além disso, trata-se do Novo Mundo: numa paisagem excitante, com raças e culturas que se encontram para retomar a vida desde o princípio. A mulher ibero-americana encara essa grande paisagem com a alma cheia de tesouros sigilosos. Não é, pois, para admirar que, ao sair de sua cidadela, e dona de recursos ilimitados, num tempo em que tudo lhe passava a ser permitido, a mulher demonstrasse aptidões enormes para o ritmo, a rima, a invenção imaginativa, o jogo de imagens, - que constituem quase toda a disciplina poética (MEIRELES, 1956, p. 103).

Seu trabalho defende, precocemente, o gênero feminista, embora a própria Cecília não o declare. Em *Expressão Feminina da Poesia na América*, a modernidade do conceito fica bem claro, ao referir-se às condições sociais a que são submetidas as mulheres da América que descreve:

Se quisermos tentar um ensaio sobre a fisionomia poética da mulher na América, encontraremos grande dificuldade em separá-la nitidamente da fisionomia masculina, no que respeita às suas produções, nestes últimos tempos. O espírito – e a arte que é uma de suas manifestações – talvez seja essencialmente andrógino. As condições sociais, no entanto, separam por muito tempo o homem e a mulher em campos específicos (MEIRELES, 1956, p. 102).

Citando 27 poetisas hispano-americanas, seu ensaio valoriza os aspectos especificamente femininos da poesia ibero-americana e a força feminina na propagação da cultura latino-americana:

Assim, as mulheres foram adotando uma linguagem mais franca e decidida, e as próprias mudanças trazidas pelo tempo, – o convívio nos estudos, as liberdades conquistadas, a igualdade ou pelo menos equivalência de homens e mulheres, o trabalho em comum, a ciência, que se sobrepõe à sabedoria, o ritmo das ideologias, e outros motivos – lhes deram o privilégio de traduzir em linguagem literária todas as emoções que antes pareceriam incompatíveis com a sua poesia (MEIRELES, 1956, p. 88).

Sua obra abre caminho para a afirmação do valor feminino na América, embora ela mesma defina sua conferência como uma “simples apresentação do aspecto feminino da Poesia na América”, e da manifestação criadora da Poesia, que pode jorrar no homem e na mulher do século XX: “Vemos como, de uma poesia quase essencialmente doméstica, a mulher tem alcançado experiências idênticas à do homem, no domínio literário. [...] Não se pode dizer, porém, que isso seja um privilégio da mulher; é um privilégio dos verdadeiros poetas, apenas. [...] a mulher se realiza em Poesia com a mesma naturalidade do homem, que a ela vem por outros caminhos” (MEIRELES, 1956, p. 101-103).

Também em 1956, na Universidade do Brasil, sendo, então, Reitor o americanista e Prof. Pedro Calmon, Manuel Bandeira pronuncia sua conferência intitulada *Em Louvor das Letras Hispano-Americanas* [1], por ocasião da inauguração do I Ciclo de Conferências de Cultura Hispano-Americana. Nesse trabalho, é possível encontrar a preocupação com a identidade latino-americana, ao citar o discurso de Díez-Canedo na Academia Espanhola:

Um espanhol bem inteirado acha o que existe em comum entre México e Cuba, Nicarágua e Equador, Chile e Argentina; entre qualquer dos dois povos de além-mar e outro qualquer deles. Ali, todavia, a relação se estabelece entre aquele povo e a Espanha e raras vezes entre os demais do continente da América, que se ignoram muito entre si, salvo os vizinhos imediatos; mais do que ignoram da Espanha e a Espanha deles. Para um americano mal existe literatura hispano-americana: existe é literatura mexicana e literatura cubana; literatura nicaragüense e literatura equatoriana; literatura chilena e literatura Argentina. Raro é o homem que, como Andrés Bello, o universal, ou como o argentino Juan María Gutiérrez, cada qual inspirado em motivos que não são os dos outros, chega antes dos nossos dias a pressentir certa unidade continental (BANDEIRA, 1950, p. 5-6).

E, também, o ardor da busca por uma identidade americana, que, para ele, segundo tal conferência, não exclui o americano do norte.

Mas sejamos americanos: ao diabo o critério universalista ou puramente estético. [...] Não desprezemos a tradição européia em que nos formamos; convenhamos no entanto que é nos pensadores americanos que podemos encontrar resposta aos nossos problemas sociais e políticos; nos poetas americanos a emoção específica da nossa paisagem e da nossa alma; nos romancistas americanos a expressão profunda da nossa vida.

Exageramos, por ignorância, a pobreza do nosso patrimônio de cultura. Vivemos a repetir, inconscientemente, as palavras de desdém de europeus também ignorantes, como aquelas do Eça quando afirmou que jamais concorreremos, os americanos, para a civilização do mundo ‘com uma idéia nova, nem com uma forma nova’. Não tomou conhecimento o grande romancista português, dos Irvings, dos Melvilles, dos Martis, dos Bellos, dos Sarmientos. [...] Whitman passou-lhe despercebido (BANDEIRA, 1950, p. 6-7).

O ensaio é valorizado por Bandeira como uma das formas de expressão literária típica da América Latina.

Quanto à prosa erudita, em seus diversos setores – a historiografia, o ensaio, a crítica, etc. – copioso vem sendo o seu desenvolvimento na Hispano-América desde a segunda metade do século passado. Nela vemos refletidas sucessivamente as principais ideologias que, partidas da Europa, dominaram o pensamento mundial: o positivismo, a filosofia de Bérson [...]. Qualquer que seja, porém, o matiz filosófico deste ou daquele escritor, todos eles convergem no mesmo propósito de compreender a América, de interpretá-la, de estudar-lhe os problemas sociais, políticos, econômicos, artísticos, de concorrer para que logremos encontrar a nossa expressão própria (BANDEIRA, 1950, p. 18).

Os fins dos anos 50 já deixavam marcas de que filósofos e diplomatas brasileiros se preocupavam com a integração da América de colonização ibérica.

O Embaixador Augusto Schmidt, no governo do Presidente Kubitschek, comandou a OPA (Organização Pan-Americana), “concebida como instrumento de diálogos e de cooperação destinado a comprometer os EUA com o processo de estabilidade e crescimento da América Latina” (CORRÊA, 2007, p. 130), que, segundo Juscelino, representava “um patrimônio comum de civilização”.

A proposta de integração do Brasil à América Latina ganhou força na década de 70. Um dos que mais promoveu a idéia da integração brasileira ao conceito dos países latino-americanos foi Darcy Ribeiro, nos anos 70 e 80. Em 1982 ele criou, junto com o filósofo mexicano Leopoldo Zea, a Sociedade Latino-Americana de Estudos sobre a América Latina e o Caribe, sendo, inclusive, seu primeiro presidente. Também esteve à frente de outras empreitadas com o objetivo de promover o estreitamento das relações Brasil-América hispânica. O Memorial da América Latina, inaugurado, em São Paulo, em 1989, foi uma delas. Em seu *site*, é possível ler-se o que gerou a sua criação:

A idéia generosa de solidariedade e união latino-americana é tão antiga quanto as lutas no séc. XIX de Simón Bolívar, José Martí e San Martín por um continente livre e fraterno. A “Pátria Grande” vislumbrada por eles, porém, ficou esquecida no passado. Nos anos 80 do séc. XX, especialmente os brasileiros, precisavam redescobrir a América. Os hispano-americanos também pareciam desconhecer a proximidade histórica, lingüística e cultural de seus vizinhos de língua portuguesa. Era preciso lembrar quem somos a nós mesmos. Para isso foi inaugurado em 18 de março de 1989 o Memorial da América Latina, com o conceito e o projeto cultural desenvolvido pelo antropólogo Darcy Ribeiro. Assim, o Memorial nasceu com a missão de estreitar as relações culturais, políticas, econômicas e sociais do Brasil com os demais países da América Latina (ZEA, 1989).

Nesse local, Leopoldo Zea, filósofo mexicano que, desde a década de 70, insistia na *irmandade* latino-americana através da cultura, recebe um prêmio e discursa:

El viejo sueño de la integración latinoamericana ha sido intentado, una y otra vez, por la política y la economía [...] Dificiles han sido, igualmente, los intentos para la integración por la vía económica. Intereses diversos han impedido su posibilidad. Pero existe otra vía, la que ahora se plasma en este memorial, la de la integración por la educación y la cultura. Porque el día en que todos nuestros niños, jóvenes y adultos tengan conciencia de lo que tienen de común con el resto de los pueblos de la región, ese día la integración se dará por añadura. Conciencia de lo común sin negación de lo peculiar y lo propio. Conciencia de que además de ser brasileño, mexicano, argentino, etcétera, se es latinoamericano. En esta tierra un ilustre mexicano vio una gran utopía, ese mexicano fue José Vasconcelos y la utopía fue la que llamó raza cósmica, como raza de razas, cultura de culturas [...] la identidad que origina la conciencia de una igualdad en la diferencia (ZEA, 1989).

Um outro elemento bem forte nos une: a mestiçagem. No dizer de Alfredo Valladão, professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris, “Poucas décadas depois dos descobrimentos, a futura

América 'latina' já era fundamentalmente mestiça. E o processo vai se diversificar mais ainda com a chegada dos negros deportados da África. Não há dúvida que o homem branco destruiu as sociedades autóctones, americanas e africanas, mas o paradoxo é que ele também foi absorvido por elas" (FUNAG, 1997, p. 200).

A mestiçagem não traz conotação pejorativa para a América Latina. É um valor que confere a este grande território a representação de um caldeirão de raças de homens "cordiais" e superiores, como a utópica raça cósmica de Vasconcelos. A originalidade da América Latina está na busca da construção de uma identidade formada pela constante multiplicação de vínculos e ingredientes vindos de várias partes, e não de um *corpus* histórico fixo e estável como o de muitas sociedades europeias. Esta região do planeta vem se constituindo a partir da miscigenação – física e cultural. Referindo-se à cultura brasileira, Oswald de Andrade, nos anos 1920, cunhou seu termo "antropofagia", uma alusão ao nosso potencial para devorar culturas vindas do resto do mundo, incorporando-as e fundindo-as nas nossas. A América Latina perpetua-se através de suas hibridações e miscigenações étnicas e culturais, inclusive sem apelos apenas à latinidade, e sim a uma "raça cósmica" propagada pela visão utópica de Vasconcelos quanto ao futuro da humanidade.

Desde os anos 30, com a estada do diplomata mexicano, Reyes, no Brasil, poetas, escritores e professores (Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, entre outros) se interessavam por temas literários e culturais relacionados à América Latina e aspiravam a uma maior integração com os povos hispânicos. No século XXI, o governo Lula vem sofrendo pressão da imprensa e do bloco conservador pela política do MRE de articulações diplomáticas que não mais privilegiem o circuito *Elizabeth Arden* (EUA e Europa). A América Latina é um dos interesses atuais.

Em dezembro de 1996, em um encontro em Fortaleza, realizado conjuntamente pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, a Teleceará, o Banco do Nordeste e a Fundação Alexandre de Gusmão (MRE), seus coordenadores o definiram como um encontro sobre o espaço latino-americano. Segundo Soares, presidente da FUNAG, "Resgatar o humano talvez seja a grande contribuição possível da América Latina em tempos de globalização". E, quanto ao objetivo da reunião, declarou: "pensar a região e o Mercosul para além de seu conteúdo econômico, estimular uma reflexão positiva sobre a identidade regional e sobre a integração do ponto de vista social e cultural" (SOARES, 1997, p. 9).

Hoje, o termo América Latina vem sofrendo críticas, e há autores que advogam que a busca deva ser pela identidade da América do Sul em primeiro lugar. Este estudo, no entanto, não se importou com essa polêmica; apenas pretendeu, em uma rápida análise, destacar ensaios que cumpriram a função a eles conferida na busca por uma identidade para a América Latina, ou seja, funcionar como literatura comprometida com a interpretação da realidade: relatam, descrevem, imaginam, deixam aos homens a reflexão.

Este estudo também pincelou recortes a respeito da diplomacia participativa no Brasil como coadjuvante no processo literário brasileiro de inserção latino-americana.

O momento é da América Latina. A Literatura, a Diplomacia e a Academia têm muito a fazer para buscar tal união e valorização deste espaço geográfico e cultural. O diálogo Brasil-América Hispânica está aberto. E, neste contexto, há que se validar o aporte da literatura, principalmente, dos ensaios que, há mais de um século, já buscavam a união latino-americana e a caracterização de sua identidade.

ABSTRACT

The following article is an outline of the contribution of Latin American essayists - intellectuals and diplomats - to the construction of an identity as a block during the 19th century: the efforts in enhancing the ideas of Latinity and miscigenation and in establishing a dialogue between Brazil and Hispanic America in opposition to Anglo-Saxon America.

Keywords: Essay. Identity. Dialogue. Latin America. Diplomacy.

Referências

BANDEIRA, Manuel. Em louvor das letras hispano-americanas. 3 Conferências sobre cultura hispano-americana. In: *Os Cadernos de Cultura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959. p. 5-18.

BONFIM, Manuel. América Latina (fragmentos). *Intérpretes do Brasil*. 2. ed. Coordenação de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. v. 1.

_____. *América Latina: males de origem*. Expressão desses efeitos na vida econômica, intelectual e moral. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/candido/index37.html>>. Acesso em: 26 jul. 2007.

CORRÊA, Luiz Felipe de Seixas (Org.). *O Brasil nas Nações Unidas 1946-2006*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

FRANCO, Álvaro da Costa Franco (Org.). *O Brasil e as origens da União Latina*. Brasília: FUNAG, 2004.

FREYRE, Gilberto. O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. *Casa Grande e Senzala, Intérpretes do Brasil*. 2. ed. Coordenação de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. v. 2.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

MEIRELES, Cecília. Expressão feminina da poesia na América. In: 3 Conferências sobre cultura hispano-americana. *Os Cadernos de Cultura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959. p. 61-104

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA. O que é o memorial? Disponível em: <<http://www.memorial.sp.gov.br/memorial/index.jsp>>. Acesso em: 03 set. 2007.

PAZ, Octavio. La inteligencia mexicana. *El Laberinto de la Soledad*. 21. ed. México: Fondo de Cultura, 1992.

PIZARRO, Ana. *O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana*. Trad. Irene Kallina, Liege Rinaldi. Niterói: EDUFF, 2006.

REYES, Alfonso. O Homem Cordial, produto americano. Revista Monterrey, 07 mar. 1931.

RODÓ, J. Enrique. *Ariel*. Disponível em: <<http://www.analitica.com/bitbliblioteca/rodo/ariel.asp>>. Acesso em: 23 mar. 2007.

SOARES, João Clemente Baena. *O Mercosul e a Integração Sul-Americana: mais do que a Economia. Encontro de Culturas*. Brasília: FUNAG, 1997.

UREÑA, Pedro Enrique. La utopía de América, caminos de nuestra historia literaria. *Ensayos. Edición crítica*. 1. ed. São Paulo: Scipione Cultural, 1998.

VALLADÃO, Alfredo. Os dois trunfos do MERCOSUL: soberania compartilhada e miscigenação Cultural. In: *O Mercosul e a Integração Sul-Americana: mais do que a Economia. Encontro de culturas*. Brasília: FUNAG, 1997.

VASCONCELOS, José. *La raza cósmica* (fragmentos). México: Porrúa, 2003.

ZEA, Leopoldo. *El Nuevo Mundo en los retos del nuevo milenio*. Palabras de Leopoldo Zea en la entrega del Premio del Memorial de América Latina en São Paulo, Brasil. *Cuadernos Americanos*, n. 15, 1989. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/milenio/5-1.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2007.

